

# A TRAVESSIA DOS SEMPRE VIVOS

Edição comemorativa





Tereza Albues

A  
TRAVESSIA DOS  
SEMPRE VIVOS

 **entrelinhas**

CUIABÁ, 2019

Copyright © 2019 by Tereza Albues e herdeiros  
Todos os direitos desta edição reservados à Entrelinhas Editora.

EDITORA | DESIGNER  
Maria Teresa Carrión Carracedo

REVISÃO  
Marinaldo Custódio

ARTE-FINALIZAÇÃO  
Maïke Vanni

OBRA DA CAPA E DETALHES DO INTERIOR  
*São Jorge (da série Cós mica)*, acrílica sobre tela,  
120 x 140 cm, Humberto Espíndola (2016)

PRODUÇÃO GRÁFICA | FOTOS DA OBRA DA CAPA E INTERIOR  
Ricardo Miguel Carrión Carracedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Albues, Tereza  
A travessia dos sempre vivos / Tereza Albues.  
-- Cuiabá, MT : Entrelinhas, 2019.

“Edição comemorativa aos 25 anos da  
Entrelinhas Editora”  
ISBN 978-85-7992-130-8

1. Ficção brasileira I. Título.

19-29976

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014



Av. Senador Metelo, 3773, Jardim Cuiabá | CEP 78030-005 | Cuiabá/MT  
Tel.: (65) 3624 5294 / 3624 8711 | editora@entrelinhaseditora.com.br  
www.entrelinhaseditora.com.br

“Querem me dar um papel,  
me recuso a aceitá-lo,  
sou construtor de mim mesmo,  
me salvo pelo exercício  
da criação”.

*João Padre*









#Espindola





# A maga da nossa terra

*Ricardo Guilherme Dicke<sup>1</sup>*

Tereza Albuês escreve seu terceiro romance. Ainda bem que não é nenhum best-seller, esses livros devorantes feitos para os medíocres, que vivem sua vida apenas ao toque magnético das caixas registradoras. Tereza saiu do Livramento cheia de histórias para contar e seu destino foi o itinerário para a Big Apple (New York) e de lá nos vêm esses livros estranhos, belos (e às vezes assustadores pela sua veracidade: o contrário de best-sellers), como nós todos, escritores que não vemos a cor do dinheiro que frustram nossos queridos livros. Tereza é dessas escritoras que, além de ter vocação e talento, tem também o dom da magia. Porque nós, cavadores sempre do mesmo fugar, somos também magos além de escritores e transportamos, pelas linhas e entrelinhas dos livros que escrevemos, as pessoas que nos leem para lugares imagináveis. “A travessia dos sempre vivos” nos conta a história de um padre (avô da autora), João Padre, aventureiro como ele só, e a gente não fica sabendo se ele era louco pelo amor de Deus ou louco pelo amor da Terra.

Escrito numa estirada só. Quanta imaginação! Você come muito propolins ou viu um disco voador, hein Tereza? Porque segundo Hilda Hilst (famosa poeta lá dos pagos de São Paulo, para se ser um escritor inspirado, fazedor de muitos livros, não há mais que comer

---

1 Texto de apresentação do escritor Ricardo Guilherme Dicke à primeira edição do livro *A travessia dos sempre vivos*, publicada pela Editora da UFMT, em Cuiabá, em 1993, tendo como capista o artista plástico Marcelo Velasco.

propolins e ter avistado um disco voador que atua como um moto-perpétuo da inspiração, cheio de energia e força).

Você é bem conhecida por estas bandas, deve chegar a ser autora nacional e mesmo internacional, é claro, por que não? Agora nessa nova casa que em minha imaginação tem ares góticos e é velha, escreva tantos livros como Hawthorne. E espere pela recompensa de propagar o Espírito de Mato Grosso pelo mundo. Quem é honesto consigo mesmo e com os outros sempre vence. Pelo menos no coração de Deus.

Obrigado por me fazer conhecer o Novo Mundo da sua Literatura. Tchau, e escreva sempre que seu caminho é belo. Encontre todos os caminhos abertos para quem é abençoado de Orfeu, é o que desejo, Tereza Albues Eisenstat, escritora maior de nossa terra e ache tudo o que quiser, são os meus votos, mil auroras nos esperam.

*Cuiabá, 12 de agosto de 1992*













**M**arta Corá ainda está viva, muito lúcida, tomando conta do Quilombo como se nova fosse, resistência igual está por nascer, falou mamãe de repente sem eu nada perguntar. A fazenda muito distante, três dias de carro de boi, valia as peripécias. Bernardão, o transportador de cargas, se prontificou a me levar até um certo trecho, de lá a senhora segue viagem a cavalo, meus bois já não aguentam o estirão todo até o Quilombo, acertado. No caminho ele foi me contando tantas estórias de sua longa experiência nas estradas, gente, animais, tempestades, almas penadas, mulas sem cabeça, que nem percebi o avanço do tempo, chegamos no lugar da separação, montei meu cavalo Veludo, nos despedimos, me vi sozinha galopando coração mais veloz do que as pernas do animal ao encontro da legendária mulher que tão perto de João Padre chegara. De longe divisei a cancela da fazenda, roliças toras horizontais de madeira escura sustentadas por dois grossos moirões-mestres, esporeei o cavalo na pressa de chegar antes do escurecer. Me aproximo, me assombro, Marta Corá em pessoa, sentada num dos moirões, bonita, morena canela, calça de couro, cinturão de balas, colete de brim cinza, blusa de algodão azul mangas compridas bufantes, a carabina engatilhada na mão esquerda, os olhos de lince semicerrados à espreita. Sou de paz, fui logo dizendo. Nada te perguntei, a bisneta de João Padre tem livre passagem, me alegra a tua chegada. Por que a postura de guerreira se a demanda pelas terras longo tempo atrás havia cessado? pensei. Nunca abandonarei meu posto, é necessário vigília constante, os inimigos são astutos e traiçoeiros, tenho que garantir meus domínios pela força da bala se assim me for exigido. Meu pensamento

era território aberto, Marta Corá o invadia sem cerimônias. Se temos que conversar sobre um homem maior do que nós, por que a cerimônia, moça? Sei a que veio, João Padre me preveniu. Muitas coisas posso te contar sobre ele mas o que sabe a minha alma confinada neste corpo guerreiro e o meu coração embevecido demais com a fala ardente dum homem que conhecia as profundezas da gente, do mundo, do céu e da terra? Custei a entender João Padre e perceber o mundo da maneira que ele me mostrava, eu o admirava profundamente, seu poder de sedução não tinha limites, não adiantava fincar marcos como a gente faz com nossas terras. Ele podia pular todas as cercas, fronteiras ou reservas pela sua beleza, vigor e força branda ou irada de persuasão. Passou três meses aqui na fazenda, vinha gente dos confins para consultá-lo, muita gente voltava mudada, tomava novo rumo na vida, enxergava diferente. Passei muitas horas sozinha com ele, compartilhamos ideias, discutimos, duas personalidades combativas em estradas diferentes, inevitável o choque na encruzilhada e o ardor na defesa de opiniões, mas também éramos muito parecidos na paixão e determinação com que tangíamos a vida. Vi muitas passagens, não dá pra tudo descrever, nossa conversa tem a regência do tempo, devo ser breve. Conto sobre o dia da canoa. João Padre andava inquieto, em sofreguidão não dormia duas noites seguidas, foi para a beira do rio pegou uma canoa, remou furiosamente contra a corrente, cantava uma canção desconhecida mas a entonação era de desafio, até que chegou a um redemunho, a canoa girou, girou e se transformou num fuso de linhas brancas a velocidade aumentando riscando círculos e mais círculos na água, afundou em silêncio. Corri, me atirei na água para salvá-lo, nada consegui, ele desapareceu com canoa e tudo. Muito tempo fiquei na margem pensativa esperando que o corpo boiasse ou me desse um sinal qualquer de onde se encontrava. Dentro de mim crescia uma certeza de que ele apareceria vivo, que o rio não tinha força para acabar com ele, engano meu, o rio sentiu meu desprezo, disse, eu não sou um rio comum que os homens dão nome, sabem onde nascem e terminam, eu sou água